A PARTILHA DA AFRICA

CONDE DE PENHA GARCIA

A PARTILHA DA AFRICA

Conferencia realisada na Sociedade de Geographia de Lisboa, em 2 de Março de 1896.

LISBOA
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
72, Arco do Bandeira, 74
1901

Em Homenagem

ao Congresso Colonial de 1901

offerece este modesto opusculo

O Auctor.

A Partilha da Africa

E alguns dos principios geraes, que devem presidir á politica colonial portugueza

I

Actualidade das questões africanas. — Necessidade de um plano geral de colonisação e meios de obter a sequencia de ideias e a perseverança d'acção na politica colonial.

Plano da conferencia.

Meus senhores!

A muitos parecerá extranho e a todos ousado, que o mais humilde dos membros d'esta sociedade, e o menos versado em questões geographicas, não hesite em vir publicamente expôr a sua modesta opinião sobre uma das questões mais sensacionaes do nosso tempo, que pela sua ligação com os problemas geographicos mais arduos, com as aspirações da politica commercial moderna, com as mais difficeis questões historicas, com os mais intrincados planos politicos, offerece de sobejo obstaculos quasi insupperaveis, a quem não tenha a ventura de possuir um nitido conhecimento de todas estas multiplas questões.

Durante este seculo, que está agonisante, o continente africano foi theatro ou objecto das mais variadas scenas, dos mais graves acontecimentos.

Desde a conferencia de Vienna, que formulou a primeira expressão do desejo geral de extinguir a escravatura, até ás arrojadas viagens dos modernos exploradores, e á recente partilha do

vasto continente negro, quasi se pode affirmar, que se não passou um só anno sem que a Africa nos offerecesse algum acontecimento digno de interesse.

As *terrae incognitae* dos velhos mappas foram substituidas por uma rêde complicada de rios, montanhas, lagos, nomes estranhos de estados e tribus, e itinerarios de exploradôres.

A velha ignorancia sobre as cousas africanas cercadas de trevas e mysterio, cedeu o logar á universal curiosidade sobre tudo o que respeita ao negro continente.

Na vida commercial adquirio a Africa uma importancia nova; o estremecimento, que sacudira a vida economica do velho continente, repercutio-se para alem do Atlas.

Mil questões nasceram, mil problemas surgiram para povoar a atmosphera do mysterio que envolvêra a Africa, e sobre a qual tão brilhante luz tinham projectado os portuguezes, nos seculos XVI e XVII.

Lançaram-se as bases da moderna sciencia africana; um exercito de investigadôres partio cheio de entusiasmo a combater o misterio e a extinguir as trevas.

Um grande numero de nações europeas, cujos interesses se achavam mais ou menos vinculados ao continente africano, partilharam entre si a terceira parte do mundo dos antigos, com a mesma simplicidade com que uns camponezes partilham entre si umas geiras de terreno.

Na tela politica foram de subito atiradas para o primeiro plano as questões africanas, e a lucta d'ambições entre as potencias colonisadôras, revestio a politica colonial de tanta actualidade como interesse.

Portugal, ligado ao continente negro por interesses de quasi 500 annos, não podia assistir indifferente ás multiplas transformações por que a Africa tem passado no decorrer d'este seculo.

E de facto para ellas tem contribuido com um esforço considerabilissimo, tanto mais digno de menção quanto mais o compararmos ás minguadas forças do paiz.

Um facto recente ahi está a demonstral-o brilhantemente: a braços com uma crise economica grave, n'uma situação politica difficil, Portugal sabe ainda juntar forças que cheguem para destruir o ultimo potentado cafre, sabe ainda inscrever novos nomes no volumoso livro d'ouro das façanhas portuguezas, sabe ainda dizer aos corvos, que pairam avidos e impiedosos sobre as nossas velhas conquistas: «ide-vos aves malditas, affastae-vos, que ainda não morri!»

E' que, senhores, a despeito dos nossos vicios e da nossa decadencia, ha ainda uma cousa que faz bater o coração da nossa velha raça, ha ainda pelo menos um sentimento nobre, que se abriga na alma da grande generalidade da nossa população, e este é d'aquelles

que engendram os grandes feitos e acções heroicas, chama-se amôr da patria, respeito pelo nome portuguez!

Tomando por thema da minha singela exposição a partilha da Africa e a orientação da colonisação portugueza, obedeceu o meu espirito a uma consideração d'alto interesse, que, junta á benevolencia do publico illustrado, que me escuta, me servirão de desculpa.

E' evidente, que o methodo e uma orientação precisa e determinada são condições indispensaveis para a rapida e perfeita realisação das grandes obras historicas. A desvirtuação dos planos primitivos, a hesitação na senda a seguir, a instabilidade na orientação politica, constituem graves perturbações á sequencia de ideias, á successão logica dos factos, á perseverança de scopo, que são a condição indispensavel para a realisação das grandes obras duradouras e de grande alcance social.

Na politica colonial mais do que em qualquer outro assumpto, a estabilidade de plano e a perseverança d'acção são indispensaveis para o conseguimento de alguma cousa de util e productivo.

Portugal tem uma grande tarefa a levar a cabo.

Explorar e melhorar as terras africanas aonde tremula o glorioso pendão das quinas; abrir ao mundo culto as regiões uberrimas aonde chega a nossa influencia; fixar e civilisar as raças indigenas sob a nossa protecção; povoar as regiões habitaveis pelo europeu, offerecendo um novo campo d'expansão á nossa raça; tal é syntheticamente a gloriosa missão de Portugal em Africa, que a historia do futuro hade inscrever nas suas paginas de bronze.

Para o bom exito d'esta empresa são necessarias, porém, a perseverança d'acção e a estabilidade de plano a que nos referimos.

Considerando porém a organisação da nossa vida moderna, e a composição dos seus elementos predominantes, pareceu-nos que o unico meio de garantir á nossa politica colonial a homogeneidade e estabilidade de plano, e a perseverança d'acção, que ella necessita, seria a instrucção e educação da opinião publica no que respeita a estes assumptos.

Será a opinião publica instruida e elucidada, que se encarregará de manter a orientação da nossa politica colonial, e os homens educados nas ideias communs, que cheguem ás preeminencias do poder, terão na opinião esclarecida da parte pensante da nação o mais proficuo auxilio para a realisação dos planos concebidos e gerados n'um meio de ideias commum.

Para esta obra de tão grande alcance como elevado interesse muito tem contribuido esta Sociedade por uma acção perseverante, que já dura ha mais de vinte annos, e muito tem sido feito individualmente por homens cujo nome vive na memoria de todos.

Para esta obra de vulgarisação e orientação quiz contribuir com o meu modesto esforço; a insignificancia do auxilio fará sorrir muitos; mas a pureza da intenção, a utilidade da ideia, e a urgen-

cia da sua realisação, serão as circumstancias attenuantes da minha audacia.

A minha intenção foi fazer um trabalho de synthese. Mostrar n'um rapido esboço a evolução da vida politica africana desde a origem até ao presente, accentuando a nossa acção na vida historica do continente negro; pintar a situação creada no ultimo quartel do seculo pela Conferencia de Berlim e historiar rapidamente a partilha da Africa subsequentemente realisada; finalmente deduzir sob a impressão d'esta synthese alguns dos principios geraes, que devem orientar a nossa politica colonial africana.

O plano é vasto, e a execução modesta, mas a capacidade dos que me escutam remediará este desequilibrio.

II

Historia politica do continente negro. Nebulosidade da historia das raças africanas. Os egypcios e os abexins. As migrações e invasões semiticas e aryanas. Arabes, Phenicios, Gregos, Romanos, e Vandalos. A invasão islamica.

Até aos fins dos tempos medievaes a Africa, continente mysterioso e singular, conservou-se na sua maior parte, immersa nas trevas das *terrae incognitae*. Além da pequena parte do negro continente de que os geographos antigos nos dão uma approximada representação, e cujo prototipo é o mappa de Ptolomeu, a imaginação e a phantasia davam-se livre carreira.

E' pois natural, que a historia primitiva dos povos africanos habite os dominios sem esperança, do vago e da incerteza. Vive-se ali sob o dominio quasi absoluto da hipothese. Atravez a evolução dos tempos, as raças africanas offerecem-nos o mesmo aspecto selvagem e errante, a mesma ausencia de tradicções, a mesma civilisação rudimentar, a mesma animalidade degradante. Povos e tribus, succedem-se, confundem-se, misturam-se, substituem-se uns aos outros, aniquilando-se, absorvendo-se, lançando no *Lethes* até os menores vestigios da sua existencia. Dir-se-hia que sobre a raça negra pesa de facto a terrivel maldição biblica, e que sobre os filhos de Cham retumba ainda o velho anathema de Noé.

Dos povos aborigenes apenas os *egypcios* e os *abexins* fundaram civilisações estaveis e com uma larga vida historica, brilhante por vezes; muitos asseguram, porém, que estes dois povos eram de origem asiatica.

Fosse como fosse, é certo que elles attingiram um grau de civilisação que os separa nitidamente das outras raças, que povoaram ou povoam a Africa.

A civilisação egypcia, que teve por berço o nordeste da Africa attingiu um tão consideravel explendor, que cinco mil annos passados, ainda hoje nos assombra com a faustuosa e inutil grandeza dos seus monumentos. Antes que Cecrops fundasse Athenas, quando Roma ainda não nascêra, já o Egypto enchia o mundo de espanto com a grandeza das suas obras, ou sejam as piramides dos Pharaós, ou o famoso lago Mœris, ou a nomeada Thebas das cem portas, ou o templo de Serapeum; ou seja o admiravel funccionamento da sua administração theocratica; ou seja a singularidade da sua arte, cujos productos ainda hoje nos perturbam, a despeito da inferioridade que lhes creava a sujeição ao jugo da regulamentação religiosa.

Esta civilisação longa e brilhante, que segundo Maspero reunira algum tempo sob o mesmo imperio todo o valle do Nilo das planicies da Abyssinia ao Mediterraneo, vegetou e estiolou-se sem contribuir para a civilisação do continente que a gerára, embora os egypcios sujeitassem alguns povos negros do interior como attestam os baixos relevos de certos monumentos.

Quanto ás raças do centro e do sul quasi não teem historia. A tradicção conserva-nos a memoria de algumas migrações effectuadas em geral para oeste ou para o sul. Assim no Congo, aos Ambundos veio sobrepôr-se pela invasão a raça dos Manicongos vindos do centro, e já depois da nossa entrada em Africa, a dos Jaggas originarios do Kilima-Njaro. Do interior para a costa operou-se a invasão dos *Achantis*. Ao contrario migrando do sul para o norte, tem caminhado a raça conquistadora dos Gallas que chegou até á Abyssinia, e muito mais para o sul n'um movimento semelhante teem avançado os *Zimbos* ou *Zulus* que teem submettido as antigas populações indigenas Bejuanas Machonas etc., assimilando-as e absorvendo-as.

Entre a raça negra existiram, é certo, instituições politicas mais perfeitas, mais duradouras, mais progressivas, embora fosse curta a sua vida historica. O Congo, o Monomotapa, o Djolof, e varios estados centraes de que ainda hoje existem succedaneos, possuiram uma civilisação rudimentar, que os affasta completamente da vida errante, ou dos esboços d'organisação social, que são o triste apanagio da raça negra.

No entanto pode dizer-se, que a historia politica da Africa tão antiga como o mundo. se reduz de facto, resalva feita das duas civilisações do norte, á historia da invasão e dominio das raças estranhas, ou sejam d'origem semitica ou ariana.

A historia das primeiras descobertas africanas pertence quasi por inteiro ao dominio da fabula.

A Ophir do Pentateuco pretendem alguns, que demorasse na costa oriental africana, quiçá mesmo em Manica.

A viagem de Jasão é segundo outros, o simbolo de descobertas africanas.

As descobertas d'Evhémerus, narradas por Diodoro da Sicilia, alcançaram, na opinião de Malte-Brun, até ao Cabo Guardafui, e ilhas de Socotorá e Abdal-Caria.

O periplo ordenado por Necho, e o periplo de Hannon, são certamente a narração de viagens á costa africana, que a tradição deturpou dando-lhe uma extensão, que é difficil acreditar podessem ter. As viagens d'Eudoxio, o livro conhecido pelo titulo de *Periplo do mar Erythreo*, e varios outros factos attestam-nos, que uma parte da costa africana, sobre tudo do lado oriental, foi conhecida dos antigos.

Foi pelo norte, que se operou o primeiro contacto entre as raças indigenas e as raças semiticas e arianas. Salustio que affirma ter compulsado os palimpsetos punicos d'Hiempsal, transmite-nos a tradicção, de uma migração de povos asiaticos Medas, Armenios e Persas, que tendo chegado até á Hesperia commandados por Hercules, e tendo este morrido, passaram para o continente africano, dando origem pela sua alliança com os indigenas Getulos e Lybios ás duas raças dos Mouros e dos Numidas.

Os Arabes e os Phenicios, vindos de Tiro e Sidonia, foram com mais certeza historica os primeiros a partilhar e a tentar explorar a Africa, tarefa que a semelhança de clima lhes tornava relativamente facil. As colonias phenicias do norte africano, embora limitadas a uma facha de costa, desde o altar dos Philenos até ao rio Lixus, attingiram um grande explendor, nomeadamente Carthago e Uttica; a sua politica monopolista excitou porém o ciume dos romanos, que ajudados por alguns chefes da Numidia e da Mauritania em breve deixaram de ter que repetir no senado a velha imprecação *delenda Carthago!*

Os gregos, nomeadamente os de Théra, fundaram algumas colonias ao longo da costa africana, d'entre as quaes foi a mais celebre a Cyrenaica, berço de uma brilhante florescencia litteraria e scientifica; os seus viajantes exploraram varios pontos da costa e até do interior, sobre tudo depois que o Egypto coube aos Ptolomeus; e é aos geographos e historiadores gregos que nós devemos as mais perfeitas noticias sobre a Africa dos tempos antigos. Sem fallarmos d'Hecataeus, cuja obra nos chegou truncada, citaremos Herodoto, que nos indica sumariamente os conhecimentos geographicos dos gregos cinco seculos antes de Christo, mostrando-nos que as relações com o interior tinham augmentado e chegado talvez até á bacia do Niger. que elle confunde com o Nilo.

Eratosthenes, que viveu 200 annos antes de Christo, transmittio-nos os progressos relativos da arte geographica do seu tempo;

o curso do Nilo é figurado na sua verdadeira direcção, a região Abyssínica indicada com bastante exactidão, bem como a costa oriental até ao Cabo Guardafui, e as praias occidentaes até Cerne. Finalmente 150 annos antes de Christo a concatenação dos conhecimentos geographicos do tempo era magistralmente realisada por Ptolomeu, o famoso alexandrino, o maior geographo dos tempos antigos.

No 2.º seculo antes de Christo a lucta pelos interesses commerciaes, e a politica absorvente dos romanos, levåram estes a estabelecerem-se na Africa, substituindo-se aos phenicios, e seguidamente aos gregos; com a tomada do Egypto, 35 annos antes de Christo, Roma estava de posse de todo o norte da Africa, e iniciava a primeira colonisação latina, que havia de durar mais de 700 annos.

A Africa romana attingio uma importancia e uma civilisação muito superior ao que geralmente se crê, e a primeira civilisação christã em Africa teve uma phase de deslumbrante explendor. A Africa romana deu imperadores á metropole, como Septimo Severo, Macrino, Elagabal, sem fallarmos das tentativas dos Gordianos. Muitos bispos lá se tornaram celebres, taes como Santo Agostinho, Santo Athanasio e S. Cypriano; famosas heresias ali se geraram, tal por exemplo o Arianismo. No emtanto esta civilisação tão longa e por vezes tão brilhante foi quasi insignificante na sua obra de penetração; a civilisação romana margina o Mediterraneo, occupa o Egypto e uma parte da Numidia e da Mauritania; mas o Sahará, as montanhas da Abyssinia e do Atlas lá estão a repellil-a para o mar; poucas relações com o interior, poucas tentativas d'exploração, embora Nero mandasse uma expedição commandada por um official romano em busca das nascentes do Nilo. Pelo anno 429 da nossa era os Vandalos entraram na Mauritana. O esphacelamento do collossal imperio romano, que se levava a cabo na Europa, tinha o seu echo na Africa.

Em 455 a Mauritania, a Numidia e a Tripolitána pertenciam aos Vandalos, que sob o commando de Genserico ali se tinham estabelecido; apenas a Cirenaica e o Egypto continuavam pertencendo ao imperio do Oriente. Foi ephemera a tentativa dos Vandalos no norte africano, muitos seculos deviam passar antes que a raça germanica volvesse de novo as suas attenções para a Africa; favorecido pelos mouros, Belizario destruiu o poderio Vandalico na Africa, aprisionando o seu rei Gelimer e reconquistou o norte da Africa para o imperio do Oriente.

Estas primeiras civilisações, estas tentativas d'apropriação do continente mysterioso podem agrupar-se ligadas pela semelhança de fim, e pela falta da caracteristica differencial, que tão intensamente hade caracterisar as duas invasões subsequentes, a arabe e a portugueza, a qual vem a ser o proselitismo religioso.

Não ha duvida porem, que se distinguiram umas das outras pelos methodos e sistemas politicos, que poseram em pratica. As colonias phenicias e gregas originariamente portos commerciaes, feitorias, e ás vezes colonias de povoação, progridem rapidamente, constituem-se independentes, e continuam representando o papel de intermediarias entre a antiga metropole e os povos do interior ou do Oriente. Ao contrario a civilisação romana realisa-se pela conquista, e a colonia fica por um estreito systema de administração ligada e encorporada na vida politica e administrativa do grande imperio, em geral o seu caracter é sobretudo de povoação, empregando-se em larga escala o systema das colonias militares; porem bastantes vezes os romanos não podendo fundar colonias de povoação empregam um systema semelhante ao nosso regimen dos protectorados. A colonisação dos Vandalos, não chegou a terminar o periodo da conquista, nem parece que offerecesse garantias de civilisação caso se tivesse definitivamente estabelecido.

Finalmente a colonisação arabe anterior a Mahomet, exerceu-se sobretudo nas costas do Mar Vermelho e foi de pequena importancia.

Era porem chegado o momento de uma nova invasão arabe, mais extensa, mais duradoura, e mais brilhante.

No seculo VII um lugar tenente de Omar, de nome Amru-Ibn al-Aassi invadío o Egypto com um exercito de 4:000 homens, tomando Alexandria e estendendo a sua influencia até ao Atlantico. A situação das possessões romanas desorganisadas, o reflexo das intrigas bysantinas, as insurreições dos mouros, e a lucta e a desharmonia entre as Egrejas christãs d'Africa, facilitaram a tarefa aos invasôres, que avançavam audazmente, o al-Korão n'uma das mãos e na outra a cimitarra, submettendo rapidamente apezar d'alguma resistencia dos Berberes, todo o norte da Africa ao estandarte verde do propheta!

Os arabes, raça commerciante e industriosa, fundaram uma brilhante civilisação na Africa mediterranea, melhorando a condicção das populações, cultivando a terra, fundando centros de commercio e industria, introduzindo o camêllo, e iniciando a partir do seculo XII a primeira grande empreza de penetração para o interior do continente. Antes de findar o seculo XIII os seus estabelecimentos tinham chegado ás margens do Tchad, as caravanas estabeleciam communicações regulares com o interior até Tomboctu, e ajudados pelo camello esse precioso auxiliar da obra de penetração pelo norte, tinham os arabes ligado Marrocos, a Argelia e Fezzan com o Kordofan, Wadai, Kanem, Sokoto etc.

Descendo a costa oriental fundaram o reino d'Ajal na continuação das costas da Abyssinia, e pela influencia dos seus mercadores e commerciantes fundaram ao longo da costa pequenos estados independentes, que implantaram a civilisação arabe na zona costeira.

A influencia arabe alastrava pelo interior, a primeira grande obra de penetração africana pertencia á raça semitica, e ainda hoje pode affirmar-se, qne com excepção da Abyssinia e d'alguns pontos da costa, todo o vasto espaço de terras, que demora alem de uma linha tirada de Sofala até á intersecção do 6º grau de latitude norte com o 20º longitude este, e continuada d'ahi até ao 10º de latitude norte, está na maior parte sob a influencia do islanismo, achando-se a raça semitica largamente representada entre os elementos ethnographicos da região. As campanhas dos derviches e as passadas invasões dos Fullah, mostram a vitalidade contemporanea d'este elemento na historia politica da Africa.

A civilisação arabe enriqueceu a geographia africana com novos conhecimentos, os seus viajantes e historiadores entre os quaes se citam os nomes celebres de Masudi, Ibn-Haukal, Ibn-Batuta, Albufeda e Leão Africano transmittiram-nos bastantes conhecimentos sobre as regiões do interior, e o mappa de Edrisi por rudimentar que seja, afirma grandes progressos sobre os conhecimentos anteriores.

A propaganda islamica ainda hoje se exerce com grande actividade nas regiões centraes, nomeadamente por intermedio da seita dos Senusi, que todos os annos do oasis de Jarabub envia centos de missionarios a prégar aos negros as doutrinas de Mahomet.

A civilisação arabe marca um grande progresso sobre o estado das raças nêgras fetichistas, e a maioria dos viajantes affirma, que os africanos sectarios do propheta se isentam d'algumas das principaes causas de degradação da sua raça; no emtanto dado o espirito de seita, e a politica exclusivista dos arabes, a sua acção religiosa constitue um elemento perturbador, nocivo em geral á marcha progressiva dos europeus, se bem que se deva reconhecer que a civilisação islamica realisou um grande progresso sobre o estado fetichista, sendo o negro mahometano bem mais civilisado.

O seculo XV é o início de uma nova era na historia politica da Africa.

III

Portugal em Africa. — O periodo epico das descobertas. — As explorações no interior. — Caracter das antigas explorações portuguezas. — A administração colonial portugueza. — Ouro, marfim e escravos. — O dominio exclusivo. — A rivalidade commercial. — Os inglezes, os francezes e os hollandezes na Africa. — O dominio estrangeiro em Africa no principio do seculo XIX. — Progresso dos inglezes e dos francezes. — As explorações scientificas. — O periodo agudo da lucta commercial.

O cyclo das descobertas portuguezas

Na historia da humanidade o seculo XV foi um seculo triumphante: alargou-se o mundo physico descobrindo-se novas terras, operaram-se grandes transformações historicas, extinguiu-se o imperio do Oriente; e o cyclo aureo da Renascença e a descoberta da imprensa alongaram as fronteiras do mundo intellectual. Um anno depois das pazes com Castella, em 1415, decidira D. João I a tomada de Ceuta, e ao esforço dos capitães portuguezes pouco custou a transformação d'esta decisão n'uma realidade. Ceuta foi o primeiro acto de posse de Portugal em Africa, a primeira pedra do edificio sonhado pelo infante D. Henrique. E' elle, esse principe energico e perseverante, que symbolisa e personifica o advento de Portugal á sua grande missão historica. Como um apostolo, a sua vida encerra-se n'uma idéa. Para ella existe e só para ella; amor, familia, poderio, tudo se lhe sacrifica; subjugar o mar tenebroso, levar a fé ás terras desconhecidas, conquistar novos imperios para a patria, eis as idéas que o escravisaram.

Em Sagres, subindo ao mais alto rochedo, esperando a chegada das suas ousadas caravellas, interrogando anciosamente o mar profundo e tenebroso, a figura do Infante é como o polo magnetico, que attrahe as terras longiquas, que chama para a soberania portugueza os mundos occultos pelo mar embravecido e rugidor. Entrados na Africa pelo noroeste, os portuguezes tentam estabelecer o seu dominio na região do Atlas, e vão proseguindo ao longo da costa na esperança de descobrir novas terras. O «Finis-terrae» afri-

cano, o cabo Bojador, foi dobrado em 1434 por Gil Eannes, e as caravellas portuguezas entraram resolutamente no temido mar tenebroso. Em 1443 Antonio Gonçalves dobra o Cabo Branco, e traz ao Infante algum ouro e escravos, que veem espicaçar as ambições, e dar novo pasto ás phantasias.

As descobertas succedem-se, e quando o Infante falleceu havia já mais de 1:800 milhas de costa africana descobertas para além do Cabo Não, tendo os portuguezes chegado ate á Serra Leôa.

Em tempos de D. Affonso V as nossas forças dirigem-se sobre tudo para Marrocos e Arzilla, Tanger, Mazagão, Çafim e Azamôr; foram os bellos episodios de um sonho, que teve o seu despertar violento em Alcacer Kibir!

D. João II, o *principe perfeito*, retoma e amplia o plano do Infante D. Henrique, e procura leval-o a cabo com aquella perseverança, habilidade e energia, de quem soubera cimentar o poder real, sem recuar deante de ninguem, e sem escrupulo na escolha dos meios.

Fundáramos estabelecimentos em Arguim e na Costa da Mina; em 1484 e 1485 Diogo Cão descobriu o Congo; approximava-se o momento solemne da passagem do Cabo das Tormentas, e com effeito em 1486 Bartholomeu Dias, o primeiro de memoria humana, ultrapassava a ponta extrema da costa sul africana.

D. João II meditára substituir-se aos venezianos no lucrativo commercio com o Oriente, e n'este intuito enviára expedições por terra, que estudariam o caminho para a India, e procurariam alcançar o famoso Preste João das Indias, principe christão do Oriente, cujo auxilio seria precioso para o estabelecimento das nossas relações com a India por aquellas bandas. A mais celebre d'estas viagens foi a de Affonso de Paiva de Castello Branco e João Peres da Covilhã. O primeiro morreu no Cairo, mas o segundo conseguiu levar a cabo uma aventurosa viagem até á India, indo a Cananôr, Calecut e Goa, e regressando a Aden por Sofala; foi elle provavelmente o primeiro europeu que tocou n'este ponto da costa Oriental, e foi elle que assegurou a D. João II a certeza da existencia de um caminho para a India pelo occidente. João Peres viajou em seguida na Abyssinia, aonde viveu longos annos, tendo prestado a Portugal serviços, que seguramente o meu orgulho provincialista não exaggera.

A D. Manuel, o Venturoso, coube emfim a gloria de pôr o remate aos planos dos seus antecessores. Quebrada a velha superstição do mar tenebroso;—descoberto o caminho para a India;—alcançado emfim o famoso Preste João.

Em 1497, Vasco da Gama dobra o Cabo da Boa Esperança, sobe a costa oriental até Mombaça e Melinde, tendo pela primeira vez encontrado os arabes em Quelimane e indo finalmente ancorar em Calecut. Eis-nos emfim na India, na India mysteriosa e dese-

jada, theatro proximo das façanhas de D. Francisco de Almeida, Affonso d'Albuquerque, e D. João de Castro e futura causa da nossa ruina, da nossa decadencia.

Era chegado o momento epico da historia portugueza: uma parte do Atlantico, metade da America, e o caminho para a India eram nossos; dominavamos como senhores em todo o Oceano Indico; em Goa, Malaca, Mascate e Ormuz tremulava o pendão das quinas; eram nossas a ilha de Ceylão, Bombaim, a costa do Malabar, as Maldivas, o Pegu, e quasi toda a costa oriental africana; Foramos até á China, aonde fundámos Macau, e os nossos missionarios e mercadores iam até aos confins de Cypangú levar a nossa fé e o nosso commercio. A Nova Guiné, a Nova Hollanda, a Terra Nova e muitas outras terras eram descobertas pelos portuguezes. Na Asia e na Africa penetravam as nossas expedições, mórmente as religiosas, e a primeira viagem á roda do mundo fôra realisada por um portuguez. O nosso imperio, a nossa influencia alastravam pelo mundo inteiro, e o glorioso cantor dos nossos feitos podia exclamar:

> Vós, poderoso rei cujo alto imperio
> O sol logo em nascendo vê primeiro
> Vè-o tambem no meio do hemispherio
> E quando desce o deixa derradeiro.
> ....
> ....

Era uma verdadeira epopêa! Ao extremo occidente da Europa um pequeno povo aventureiro partira á conquista de mundos desconhecidos, e no curto periodo de 70 annos dominava em metade do mundo.

Na Africa as descobertas dos portuguezes tinham sido assombrosas. Os geographos medievaes como Pedro d'Aillly, suppunham a Africa equatorial desoccupada. Foram os navegadores, os missionarios e os commerciantes portuguezes que fizeram surgir a Africa geographica das nebulosidades das terras incognitas construindo-lhe a orographia, e estudando-lhe a ethnographia, a fauna e a flora.

Os mappas coevos ou sejam o globo de Nuremberg, ou as cartas de Africa de Soligo ou de Livio Sanuto, mostram que para os geographos estrangeiros só havia então uma fonte segura—a dos roteiros portuguezes.

As nossas explorações atravez da Africa repetiam-se nas duas costas. Seria uma longa tarefa indical-as por completo; limitar-nos-hemos á citação de alguns nomes. Pero de Evora e Gonçalves Eannes penetraram para o interior talvez até Tomboctu; Mem Rodrigues e Pero d'Astuniga visitaram os Tullahs. Em 1534 foram á Senegambia Rodrigo Rebello e outros. A. Huaden foram Diogo Borges e mais dois companheiros. O Congo foi explorado por João

Lourenço, por Balthazar de Castro, por Manuel Pacheco e em 1578 por Duarte Lopes, sem fallarmos de Gregorio de Quadra, que planeou e que tentou uma viagem á contra-costa.

Na costa oriental Lucas e Francisco Alvares foram á Abyssinia em 1520, Jorge d'Abreu e Pero da Silveira ao interior do Monomopata em 1560.

Ao Monomopata, a Chicova e a Manica foram Francisco Barreto, Vasco Fernandes e Affonso Mendes. A' região do Nyassa, á Cafraria, aos rios de Senna, o famoso jesuita Luiz Maríanno. A' Abyssinia, Miguel Castanheiro. Quadra e muitos outros.

Nos seculos XVII e XVIII interrompeu-se por longos periodos estas obra de penetração e exploração, concentrando-se os portuguezes cada vez mais nos estabelecimentos da costa.

No entanto algumas viagens se intentam durante este longo periodo, as quaes teem em geral por objectivo a descoberta de um caminho que ligasse as duas costas, évitando a perigosa travessia do Cabo das Correntes.

Em 1606, D. Manuel Pereira Forjaz, governador d'Angola, tenta sem exito a empreza.

Em 1668 Ayres de Saldanha renova a iniciativa do projecto.

Em 1783, reinando D. Maria I, foram enviados varios naturalistas a Moçambique para explorarem e estudarem as producções da região.

Em 1796, Vicente Ferreira Pires foi enviado ao Dahomey para entabolar relações de amizade com o seu regulo. Por este tempo o commerciante Assumpção de Mello vae de Benguella ao Loval.

Em 1798 o dr. Lacerda emprehendeu a viagem á contra-costa partindo de Tete e indo morrer a Cazembe, nas cercanias do lago Moero.

De 1806 a 1810 teve logar a expedição dos Pombeiros, enviada por Saldanha da Gama, tendo-se então atravessado duas vezes em toda a largura o continente africano.

Em 1843 e 46 realisou-se a viagem de Graça, de Loanda á Mussumba, residencia do Muata Ianvua.

Pelos annos de 1831 a 32 Gamito e Monteiro foram até ao Muata Cazembe. De 1853 a 54 Silva Porto, o honrado sertanejo cuja morte gloriosa está na memoria de todos, realisou uma viagem do Bihé ao Barotse, indo os seus pombeiros até ao Ibo. Finalmente a viagem á contra-costa, de Serpa Pinto e Capello e Ivens, as explorações de Anchieta, de Henrique de Carvalho, de Antonio Maria Cardoso, de Cordon, etc., sem fallarmos das expedições militares, e d'algumas explorações de menos monta, collocaram Portugal, no seculo presente, sob o ponto de vista da exploração africana, n'um logar dos mais honrosos e illustres.

As viagens e explorações contemporaneas são bem conhecidas em geral e merecem o elogio de todos. Vale a pena, porém, reme-

morar de passagem o caracter das nossas velhas expedições, que tantas vezes a ignorancia dos modernos escriptores estrangeiros tem enxovalhado. Desamcompanhadas dos variadissimos recursos, que a sciencia hoje se empenha em fornecer aos modernos viajantes, as antigas explorações portuguezas são verdadeiros milagres de tenacidade, de dedicação, de resistencia a todos os males. Nem a rebeldia do clima nem a selvageria dos indigenas as podem fazer recuar.

João Fernandes «homem de honra e confiança e já instruido na lingua d'aquelles povos» decide-se a investigar o interior do paiz dos Azenegues, e com uma admiravel tranquillidade, parte só, interna-se no sertão, e volta passados bastantes mezes contar ao Infante D. Henrique o que vira por aquellas terras extranhas. Vinte e um annos de viagens seguidos conta Fernão Mendes, e durante 34 annos o jesuita Jeronymo Lobo explora a Abyssinia; e que 34 annos! 34 annos semeiados de naufragios, cortados de perseguições, cheios de *encommodos e trabalhos*, como elle proprio diz no seu itinerario.

Maravilhosos exemplos de coragem, tenacidade e amor da patria eram as viagens d'esses arrojados aventureiros, que os capitães portuguezes desembarcavam em qualquer ponto da costa, mandando-os penetrar para o interior.

Além d'estas, havia viagens bem organisadas, providas de tudo e dos instrumentos scientificos necessarios, tão perfeitas para o tempo como as mais perfeitas de hoje. Investigava-se só pelo amor do saber. D. João de Castro fornece-nos um bello exemplo do fidalgo instruido e sedento de descobrir as cousas ignoradas. Os missionarios, sobretudo os jesuitas e os dominicanos, concorreram largamente para o engrandecimento do nosso saber geographico. De um trecho da Historia de S. Domingos, se vê, que para as missões africanas se escolhiam padres de grande saber e erudição.

Não ha que duvidar: as velhas explorações portuguezas enobrecem e elevam o nosso genio de colonisadores. Ha ali que farte bellos especimens de trabalhos scientificos de valor, e exemplos de coragem, ousadia e abnegação dignos da epopêa.

Portugal estendeu rapidamente a sua influencia a toda a Africa. Em 1820 estava senhor de todas as costas, exceptuando as do Mediterraneo e do Mar Vermelho; foram infelizes os projectos de dominação n'estes dois mares, que de mais a mais não eram indispensaveis para a realisação do nosso ideial politico de então.

Com effeito a chave da politica portugueza era n'esse tempo a Asia. ou mais particularmente a India; a Africa era uma conquista secundaria, que servia aos portuguezes para lhes fornecer ouro, escravos e marfim para o seu negocio, e boas escalas e refugios para a longa viagem das Indias. O tempo não nos permitte esboçar as nossas tentativas de penetração e occupação ou seja no Congo,

seja no Zambeze; vejamos, porém, qual era a orientação da politica colonial n'aquelles tempos.

A regra que presidia á nossa politica colonial era então o exclusivismo, o monopolio.

Senhores dos mares, guardavamos com cioso cuidado o segredo dos nossos roteiros; senhores das terras, prohibiamos a todos o commercio, que era um direito magestatico, que o rei possuia ou dava como recompensa aos seus capitães ou affeiçoados.

Só em 1642 é que aos *nacionaes* se franqueou o commercio da India e outras possessões ultramarinas, com excepção ainda assim da canella. Só em 1680 se declarou livre o commercio dos rios de *Cuama* (Zambeze) para os portuguezes, e ainda posteriormente soffreu este principio derrogações.

Este vicio da nossa politica colonial aliciava-nos as antipathias das outras nações, e foi a causa da nossa ruina, sobretudo porque o monópolio era exercido mais em proveito de particulares, do que do Estado. Os governadores e empregados do Estado enriqueciam rapidamente. Assim por exemplo, a feitoria de Moçambique era grandemente requestada, por *não ter contas nem embaraços* como ingenuamente nos relata um documento coevo. Alguns factos pódem dar ideia do que era em geral a nossa administração.

Em 1694 um governador de Moçambique desistiu do governo por ter contractado o commercio dos rios de Senna em condições onerosas; poucos annos depois um outro comprava em leilão por 30:000 pardaus dois annos de governo.

E' certo, porém, que havia ainda governadores, que imitassem o exemplo de D. Luiz d'Athayde que, voltando de um governo na India, trouxera como unicas riquezas quatro bilhas de agua, que mandára encher no Indo, no Ganges, no Tigre e no Euphrates Mas a regra geral era a traficancia.

Uma terceira causa viciou fundamentalmente a nossa politica africana: referimo-nos ao objectivo e modalidade do nosso trafico commercial. Ouro, escravos e marfim tal é a sinistra trilogia, que envenena a nossa exploração africana. O ouro e o marfim allucinaram-nos; fascinou-nos o Potosi de Chicova ou o El-Dorado de Quiteve; a politica colonial errava sem norte; o que pretendia era o ouro, o que se desejava era o marfim; atrahidos por esta miragem, não vimos o thesouro mais precioso do continente negro, a Africa Austral. Esta foi a causa que não entrevio Gaspar Corrêa nas *Lendas da India*.

Diogo de Couto conta-nos nas suas *Decadas* o alvoroço que causava em Lisboa a organisação da expedição ao Monomopata. Era o ouro a inflammar-nos! Foi elle que causou o desastre total da expedição de Cardoso d'Almeida, elle que embaraçou e retardou a colonisação do Brazil.

O trafico dos escravos não foi menos pernicioso para a nossa

politica ultramarina; como Accursio das Neves faz notar, era elle a fonte mais segura dos rendimentos da corôa. E se se objectava, que esse commercio degradante, despovoando-nos a Africa, difficultando a fixação das raças indigenas, e impedindo a colonisação, era todo em nosso prejuizo, lá estava a eloquencia dos algarismos a pôr peias ao sentimentalismo, ou aos calculos previdentes. Pois se só a Alfandega de Loanda rendera em 1629 126 contos de taxas sobre os escravos! A escravatura porem era um vicio geral; as outras nações que commerciavam na Africa, exerciam o trafico dos escravos com tanta ou mais avidez Em fins do seculo XVI a exportação de escravos africanos para Portugal chegou a attingir 40.000. Nos seculos seguintes o trafico augmentou; só de Loanda e Benguella se exportaram em fins do seculo passado 15.000 escravos por anno. A Guiné portugueza e Moçambique não viviam de outra cousa e a venda dos homens de cor era o mais *claro* dos nossos rendimentos africanos!

Por isso, a despeito da campanha de Wilberforce, da conferencia de Vienna e da lucta empenhada no nosso paiz e á qual anda ligado o nome respeitado do Marquez de Sá da Bandeira, só em 1836 abolimos o trafico dos negros, e só em 1869 extinguimos a escravidão, embora nós fossemos dos primeiros a extinguil-a em parte, em 1861, e a tivessemos regulamentado de modo a evitar crueldades e violencia, nos tempos em que ainda os inglezes se não tinham sentido inflamados pelo santo amor da humanidade!

E' preciso porem notar que o trafico dos escravos foi durante muito tempo uma das pedras angulares da nossa politica colonial, não apenas como torpe exploração commercial, mas como elemento indispensavel da nossa colonisação do Brazil.

Durante 137 annos, depois do nosso advento ao africano continente imperamos só em toda a costa occidental e na oriental com excepção da que o Mar Vermelho banha.

Sós tambem emprehendemos o commercio e tentámos a exploração africana. Um novo periodo ia porém começar; iamos ter competidores, tinhamos que partilhar a Africa.

O anno de 1552 marca o inicio de uma nova era na vida politica africana; Portugal gosára até então, e sem competidores, o privilegio de commerciar com o continente negro; o periodo da rivalidade commercial ia porém começar.

Attrahidos pela fama das riquezas africanas, os inglezes e os francezes procuraram surprehender-nos o segredo dos mysteriosos roteiros, que levavam pela Africa até ás Indias.

Em 1552, reinando Eduardo IV, alguns negociantes inglezes equiparam um navio, que, sob o commando de Thomas Windam, foi mandado ás terras africanas, e tendo attingido a Costa de Ouro voltou á Inglaterra com 75 kilos do precioso metal.

Muitas expedições se seguiram, a avidez commercial multipli-

cava-as; bastantes companhias, entre as quaes algumas privilegiadas, emprehenderam activamente o commercio com as costas africanas, sobretudo com a Gambia e Costa d'Ouro, embora por vezes as cartas régias lhes concedessem o privilegio commercial desde a Berberia até ao Cabo da Boa Esperança.

Pelo seu lado os francezes tinham começado uma empreza analoga, estabelecendo-se no Senegal, em Argoim e na Gorêa, e fundando companhias de commercio; tinham até mesmo estabelecido postos ao longo do Senegal para o interior e procuravam estender a sua influencia por toda a região da Senegambia.

Em 1580 um facto grave da nossa historia vinha provocar a decadencia do nosso imperio colonial. Perderamos a nossa independencia; reinava em Portugal Filippe d'Hespanha!

Era tambem a epoca da decadencia da casa d'Austria. O imperio de Carlos v desmoronava-se, e nas suas ruinas subvertia-se tambem o nosso haver colonial.

Os hollandezes assenhorearam-se então do commercio africano, muitos dos nossos fortes e estabelecimentos foram occupados por elles, e nomeadamente o Cabo, e Mina, e até mesmo Loanda.

Em 1641, graças a Salvador Corrêa, recuperámos porém as possessões mais importantes, que nos tinham sido roubadas.

No começo do seculo XVIII a lucta pela supremacia colonial concentrára-se na costa occidental, e hollandezes, inglezes, francezes e portuguezes esforçavam-se por obter o melhor logar no rendoso commercio da gente de côr. Os hollandezes iam perdendo a supremacia, declinando visivelmente a sua importancia commercial.

Quanto aos portuguezes, iam continuando a obra de penetração na costa occidental, estabelecendo-se em 1671 no Pungo Andongo, em 1682 em Caconda e em 1759 no Encoge.

Na costa oriental o nosso poderio declinára na zona do Mogadouro ao Cabo Delgado, mas no Zambeze mantinhamos a nossa influencia, celebrando feiras no interior até para lá de 48 leguas de Tete.

No começo do seculo XIX apenas a Turquia, Portugal, a Inglaterra e a França possuiam colonias ou suzeranias de uma certa importancia no continente negro. Exceptuando para Portugal e para a Turquia, a Africa despertava em geral pouco interesse, e até mesmo contra o rendoso commercio dos escravos se tinha já fundado a famosa associação de Clarkson, Wilberforce, etc. Em 1807 a Inglaterra prohibiu o trafico dos escravos aos seus subditos, e em 1815 o Congresso de Vienna emittiu o desejo de que a abolição da escravatura se não demorasse.

Pareceria que a extincção de um dos mais poderosos attractivos da ambição commercial dos estrangeiros, contribuiria para diminuir o pouco interesse que então suscitava a Africa, mas afinal, pelo contrario, a lucta contra a escravatura, poz a Africa em evi-

dencia e foi uma das origens da nova phase de vida politica em que ia em breve entrar a Africa. O interior da Africa vivia isolado; Portugal era o paiz que levava as suas relações mais para o interior, e o mais bem conhecido e respeitado no continente africano.

A importancia commercial da Africa era modesta, o valor total do seu commercio não excederia então, segundo Keltie, mais de 135:000 contos, dos quaes mais de metade pertenciam á região mediterranea.

Até aos primeiros annos do ultimo quartel do seculo XIX, a lucta commercial não tomou um caracter excessivamente agudo. A Inglaterra ia avançando lentamente para o interior na sua colonia do Cabo, o estado livre d'Orange e o Transwaal tinham sido reconhecidos, a Cafraria annexada, e os Zulus e os Basutos collocados sob a protecção britannica.

Ao mesmo tempo na Serra Leoa, na Costa d'Ouro, e sobretudo na bacia do Niger, ia-se alargando a influencia ingleza sem grandes obstaculos.

A França conquistára a Argelia, e avançára pelo alto Senegal, pretendendo abrir caminho para o Sudão, e afagando a esperança de um dia ligar as duas colonias. No Mar Vermelho adquirira Obock, e continuava estendendo a sua influencia sobre Madagascar. Os americanos tinham fundado a Republica da Liberia, e do lado opposto o Egypto annexára o Darfur e o Kordofan Dois factos importantes caracterisam ainda este periodo. O genio de Lesseps separára a Africa da Asia, abrindo o canal de Suez, que além de augmentar o valor do Egypto, e de abrir um novo caminho para a India, deu á costa oriental um maior valor para o commercio europeu.

A expedição de Bonaparte ao Egypto inaugurára uma nova epoca de explorações scientificas e commerciaes que haviam de enriquecer a sciencia com descobertas importantissimas e projectar sobre a Africa um grande clarão de interesse e actualidade. As viagens mais ousadas succedem-se sem interrupção, a Africa é cruzada em todas as direcções, Livingstone, Cameron, Grant, S'peke e Burton, Decken, Rebman, Graça, Lacerda, Magyar, de Compiegne, Barth, e tantos outros, vinculam os seus nomes á geographia africana, e alguns por vezes o inscrevem no livro tragico dos martyres da sciencia.

O recrudescimento de interesse que a Africa despertava, a situação creada pelo estabelecimento de uma certa liberdade commercial em quasi toda a costa, a mudança da situação interior produzida pela suppressão do trafico da escravatura, o excesso de producção das industrias europêas, as novas descobertas mechanicas, a expansão da população na maioria dos paizes do velho continente, e varias outras causas iam dar á Africa um novo valor, e como consequencia, ateiar mais a rivalidade, apressar o momento da partilha.

Como vimos, a Inglaterra, a França, a Hespanha, e mais modernamente a Italia e a Allemanha, tinham procurado estabelecer o seu predominio commercial em varios pontos da costa africana, e tentado n'outros a occupação. A França e a Inglaterra sobre tudo possuiam na Africa grandes interesses, e em virtude da concorrencia as nossas antigas pretenções de suzerania e monopolio de toda a Africa estavam agora reduzidas a bem pouco.

A repressão do trafico da escravatura e as modernas explorações de viajantes de todos os paizes tinham dado ás questões africanas uma grande actualidade e vulgarisado conhecimentos geographicos até ahi possuidos apenas por um estreito numero de iniciados.

As modernas invenções tinham facilitado e tornado possivel a tarefa da penetração africana, o aproveitamento das suas singulares vias de navegação, cortadas de rapidos e cataractas.

A revolução industrial, que ia alastrando por todos os paizes, tornava preciosos esses novos mercados, que se offereciam á sua expansão. Finalmente a progressão das populações europeas duplicava o valôr politico das regiões africanas, que se afiguravam a muitos governos um esplendido campo de descarga para a sua emigração. Tudo isto explica como no ultimo quartel do seculo XIX recrudesceram as ambições em volta do grande continente africano. Os novos interesses e as novas necessidades originaram novos systemas coloniaes; já não basta a supremacia commercial, é preciso mais; as novas theorias sabre a expansão colonial na Africa obedecem a outro norte. *A politica da occupação* existe no estado latente. Um facto historico deveras curioso veio provocar o momento solemne da partilha politica da Africa entre as nações colonisadoras.

Referimo-nos á Conferencia de Bruxellas de 1876, originada n'uma generosa iniciativa do rei dos belgas, a qual por uma singular ironia dos factos estava destinada a ser a genese do moderno Congo belga!

IV

A «Associação Internacional Africana».—Os allemães em Africa —A conferencia de Berlim.—A conferencia de Bruxellas.—A partilha da Africa.—Conclusão.

As descobertas de Stanley e dos grandes exploradores que o precederam tinham feito entrever a possibilidade de uma larga

exploração nas regiões centraes ligadas entre si por uma vasta rêde fluvial.

A ideia não era nova; já no seculo XVI alguns portuguezes a tinham entrevisto, entre os quaes citaremos Balthazar de Castro e Manoel Pacheco, mas o que n'esse tempo era de somenos importancia, pela impossibilidade de communicação fluvial com a costa, tornava-se agora, mercê da invenção de Stephenson, um projecto de altissima importancia.

Portugal não fôra convidado para a Conferencia; parece que se não julgára necessario o seu concurso para a campanha humanitaria de exploração e penetração que se projectáva. Como fôra elle que descobrira a Africa do Atlantico e do Indico, como fôra elle que a explorára em todas as direcções, pareceu desnecessario interessal-o n'uma obra que era a repetição das suas tentativas desde o seculo XVI e uma concorrencia á sua acção actual.

A conferencia creou a «Associação Internacional Africana» com séde em Bruxellas e sub-commissões em todos os paizes que adheriram á ideia.

O seu fim de caracter internacional era abrir ao mundo culto os caminhos dos sertões africanos. Iniciaram-se algumas expedições que partiram de Zanzibar, mas os seus resultados praticos limitaram-se ao estabelecimento das missões da Uganda e do Tanganika, e á fundação de Carema.

A travessia de Stanley realisada por esses tempos deu origem a novos projectos, creando-se *A commissão de estudos do alto Congo*, e sendo Stanley enviado de novo para esta região, dirigindo uma missão belga.

A Associação tomava cada vez mais o caracter de uma empreza belga; intitulava-se agora «Associação Internacional do Congo», e sob a sua direcção ia sendo occupada a bacia do Zaire; em 1880 Leopoldville era fundada em Stanley-Pool.

A dois paizes sobretudo importava o caminho que as cousas iam tomando na rica bacia do Zaire: Portugal e a França.

Este ultimo enviára o explorador de Brazza a reconhecer o interior, e assegurar á França uma parte da rica bacia do Zaire, o que com effeito conseguio.

Portugal não ficára inactivo; reatára negociações diplomaticas para obter o reconhecimento das suas velhas pretenções territoriaes, que subiam até ao 5° 12' de latitude sul e tomára algumas disposições para assegurar a sua occupação. Finalmente em 1888 obtivemos da Inglaterra o reconhecimento d'aquella latitude para a nossa fronteira ao norte, mas uma forte campanha de imprensa na Inglaterra, e os protestos da Allemanha e da França impediram o tratado de sêr ratificado.

Em vista das difficuldades que surgiam, Portugal lembrou a

conveniencia de se derimirem as questões n'uma conferencia internacional.

A Allemanha e a França, que então se tinham combinado sobre alguns pontos da politica colonial, fizeram um plano de conferencia internacional, que, depois de acceite pela Inglaterra, foi communicado a todas as nações, que tinham interesses na Africa, tomando a Allemanha a direcção da conferencia. Esto inesperada intervenção da Allemanha nas questões africanas, obedecia á nova orientação da sua politica externa, influenciada por uma serie de actos que a impelliam para as aventuras coloniaes.

Seguindo o exemplo de Von der Decken, o iniciador dos planos de colonisação allemã na costa oriental, e um dos mais illustres exploradores das regiões do Tanganika, os allemães tinham-se entregue a explorações em varios pontos no continente africano, vinculando á moderna empresa do estudo do continente negro nomes illustres como os de Buchner, Kund, Wolf, Flegle e outros. Os missionarios allemães tinham tambem tomado uma parte consideravel n'esta nova cruzada, que tinha por objectivo a civilisação da raça negra e o engrandecimento do imperio allemão. No Damara e na Namaqua sobretudo abundavam as missões allemãs. Ao mesmo tempo os commerciantes e industriaes allemães, que desde o segundo quartel do seculo commerciavam bastante com a Africa, planeavam maiores emprezas, e traduzindo esta esperança as Camaras de Commercio dos principaes centros commerciaes germanicos, aconselharam a Bismarck a politica de occupação. Além d'isto a opinião publica allemã, dirigida pela *Associação germano-africana*, applaudia a politica africanista, e incitava o governo ao estabelecimento de colonias allemãs na Africa, empresa effectivamente em breve levada a cabo pelos drs. Nachtigal, Fabri, Peters e outros.

Em 1883 a bandeira allemã fluctuava em Angra pequena; em 1884 Nachtigal começára a occupação do Togo e dos Camarões, em 1885 Peters creou a companhia allemã da Africa oriental, e estabelecia o protectorado allemão na costa do Zanzibar.

Era tal o enthusiasmo na Allemanha pela nova politica colonial, que a sociedade colonial allemã um anno depois da sua fundação contava 3:260 membros!

Em 1882 um grave acontecimento tinha logar no norte africano. A Inglaterra sob o pretexto de reprimir a revolta d'Arabi-Bey occupara o Egypto, posição preciosa a todos os respeitos, quer como ponto estrategico, quer como ponto de partida para a penetração nas regiões do Soldão, ou como base d'esse plano phantasista do grande imperio africano do Cabo a Alexandria.

A occupação era feita com um caracter transitorio; os inglezes affirmavam não quererem nem por sombras apoderar-se do Egypto, e promettiam evacual-o logo que a boa ordem estivesse restabele-

cida. Já vão passados 19 annos e os inglezes continuam estabelecidos no Egypto sem darem mostras de julgarem o paiz digno de viver liberto da tutela ingleza. A questão do Egypto continua sendo a pedra d'escandalo da diplomacia franceza, e uma ameaça constante de possivel conflicto europeu.

Ainda recentemente a marcha das tropas anglo-egypcianas, reforçadas por alguns batalhões da India, sobre Dongola, que ia originando graves difficuldades diplomaticas, suscitou um conflicto entre os membros da commissão internacional da divida publica egypcia.

Pouco antes da occupação do Egypto pelos inglezes tinham tido logar as expedições italianas ao Choa e ao Harrar, prodomos da entrada em scena de mais um povo colonizador.

A competencia aggravava-se cada vez mais, todos á porfia pretendiam alargar os limites da sua influencia no continente negro. As recentes descobertas no centro da Africa tinham feito conceber grandes esperanças e todos os paizes queriam reservar para si uma parte d'esse extenso mercado, d'esses maravilhosos paizes, que os mais enthusiastas descreviam como um paraizo terreal.

E estes desejos, estas ambições, dominavam a questão do Zaire; os estrangeiros temiam ou fingiam temer, que Portugal, seguindo a sua velha politica monopolista, quizesse guardar para si exclusivamente a chave da grande bacia do Zaire.

Pelos fins de 1884 inaugurou-se a conferencia de Berlim, cujos fins eram, no dizer do principe de Bismarck, associar os indigenas á civilisação; abrir o interior ao commercio livre; supprimir a escravatura; e propagar por todos os meios a educação e instrucção da raça negra.

A ideia fundamental da conferencia era garantir o accésso do interior a todas as nações commerciantes, e fixar alguns pontos de direito publico africano.

Em 26 de fevereiro 1885 foi assignada a acta geral da Conferencia, que ordenava os assumptos por ella regulados, e que se podem resumir nos seguintes:

Estabelecimento da liberdade commercial na bacia *convencional* do Zaire e do Niger, ás quaes traçou os limites, que abrangiam uma importante zona da região central até ao Tanganika, que podia ser prolongada com assentimento dos possuidores em quasi 25.° da costa Oriental.

Declaração de neutralidade da bacia convencional do Zaire.

Obrigação de impedir e reprimir a escravatura.

Liberdade de propaganda religiosa.

Regulamentação do direito de occupação nas costas.

Estabelecimento de uma commissão internacional para elaborar regulamentos e vigiar a observancia da convenção.

Em correlação com a Conferencia de Berlim outro facto politico de grande importancia tinha logar na Europa: a Associação inter-

nacional do Congo era reconhecida como governo desde 1884 pelos Estados Unidos; e tres dias antes de se encerrar a Conferencia todos os paizes, que a ella assistiam, tinham egualmente reconhecido a bandeira azul com uma estrella de ouro, o pavilhão do Estado Livre do Congo.

A Conferencia de Berlim marca uma epocha capital na historia politica do continente negro; foi ella o acto official, que declarou abolido para uma parte da Africa o velho systema do *Pacto colonial;* foi ella o documento mais importante, que lançou as bases do moderno direito publico em materias africanas; foi ella finalmente, que consagrou o principio da politica de occupação, e estabeleceu a base geral das futuras convenções, que obedecem sempre aos principios da liberdade commercial, da liberdade de transporte e de circulação fluvial, da liberdade religiosa e da neutralidade politica.

Uma outra convenção celebrada em Bruxellas, em 1890, veio confirmar esta nova orientação da politica colonial africana, affirmando a solidariedade de todas as potencias colonisadoras em face dos interesses africanos. O principio da livre importação na região do Zaire soffreu algumas modificações, permittindo-se o estabelecimento de taxas pautaes e regulamentando-se o commercio das armas e das bebidas espirituosas.

Logo em seguida á Convenção de Berlim, as potencias coloniaes entabolaram relações diplomaticas, para a delimitação das suas espheras de influencia e uma serie de tratados foram celebrados, repartindo entre alguns paizes da Europa um continente quasi tres vezes maior do que a propria Europa.

Foi n'esta phase da partilha africana, que Portugal viu destruido o velho plano tradicional da ligação das duas costas. Embora a nossa diplomacia tivesse conseguido da França e da Allemanha a sua acquiescencia áquelle plano, a Inglaterra, que cubiçava a região entre o Nyassa e o Tanganika, oppoz-se terminantemente, e com o direito dos fortes, separou brutalmente as nossas possessões africanas, mettendo-lhes de permeio dois protectorados britannicos, e uma companhia privilegiada!

Portugal, cujos exploradores tinham já feito mais de uma vez a travessia á contra costa, tendo duas expedições scientificas atravessado de Angola á costa oriental, celebrado tratados com os chefes indigenas, e colhido esclarecimentos de toda a natureza sobre a região; Portugal, cujos commerciantes tinham; partindo de ambas as costas, levado o seu commercio ás regiões pouco conhecidas do interior; Portugal, cujo dominio nas regiões costeiras, e em muitos pontos do interior era umas poucas de vezes centenario; Portugal, que concebera o plano de ligar as suas duas possessões da costa oriental e occidental pela via fluvial cuja continuidade se affigurava provavel; Portugal, que sabia que o sangue dos seus filhos regara mais de uma vez alguns dos pontos, que a diplomacia ingleza lhe

contestava; Portugal que rememorava, que n'alguns dos territorios, que a Inglaterra nos arrebatara, tinham os seus missionarios desenvolvido maravilhas de paciencia, resignação, e dedicação, na lucta ignorada e ingloria de civilisar o preto boçal e hostil, Portugal sentio-se abalar pela grande e nobre commoção da indignação nacional, pela vibração unisona de um sentimento commum.

A solidariedade da raça fortaleceu-se ante o ataque, vibrou a alma portugueza ante a violencia que ameaçava a patria, e se o pequeno povo isolado e impotente teve que acceitar a lei do mais forte, não se fez isso sem protestos nem luctas.

Quebrada a tradicional ideia de ligar as duas costas, as circumstancias da politica africana compelliam Portugal a procurar fixar por accordos internacionaes, os limites da sua soberania reconhecida.

Varios tratados e convenções vieram, pois, limitar as fronteiras das nossas possessões africanas, e hoje salvo n'alguns pontos ainda duvidosos, a zona da nossa influencia em terras d'Africa está approximadamente circumscripta, faltando porém concluir os trabalhos de campo, cuja urgencia é manifesta sobretudo no Barotze e Manica.

Meus Senhores:

A rapida synthese que acabei de esboçar faz parte de um plano mais amplo, no qual é minha intenção filiar e fundamentar o estudo de um plano de politica colonial.

As leis que devem presidir á nossa orientação colonial pareceu-me deverem resultar da coordenação de tres ordens de estudos.

Primeiramente da investigação da historia politica africana, e do estudo da nossa tradição colonisadora.

Em segundo logar do exame das nossas circumstancias nacionaes e da ponderação da nossa situação em face da concorrencia dos outros paizes.

Em ultimo logar do estudo da situação, recursos e necessidades do nosso haver colonial.

Esboçado hoje o primeiro estudo, em conferencias subsequentes realisaremos um dia os outros dois.

No emtanto muito summariamente indicaremos algumas conclusões, que d'este primeiro estudo se podem deduzir.

Um homem d'estado inglez disse um dia «que a Africa era um tonnel, junto ao qual era bom installar-se: fazer um buraco com uma verruma e apanhar o que escorre; mas quem procurar entrar lá dentro, morre afogado.»

Esta synthese da vida politica da Africa parece confirmar a regra, salvo para as regiões do sul e do norte; no emtanto factos contemporaneos provam que ha ainda muitos pontos em Africa susceptiveis da acclimação européa. Em Mossamedes, por exemplo, contam-se já 4 gerações successivas de brancos. Urge pois estudar as condições climatologicas das nossas colonias africanas, onde bastantes pontos parecem susceptiveis de povoação européa, sobretudo na costa occidental.

O estudo da tradição tambem nos indica, que a adopção de um regimen razoavelmente liberal em materias economicas, a remodelação do regimen administrativo, e a preparação de bons funccionarios, para o que muito concorreria o estabelecimento de um Instituto Colonial, são principios a adoptar na nossa politica ultramarina. Mas o principio mais importante que resulta d'este estudo é a affirmação que *á nossa velha politica commercial em terras d'Africa é preciso substituir a politica d'occupação;* é preciso que o soldado, o commerciante, o missionario e o colono nos assegurem a posse do vasto imperio colonial, que ainda nos reconhecem na Africa.

Vimos tambem n'este estudo a série de embaraços, que tem impedido a fixação das raças indigenas, e d'elles tiraremos a lição de que importa policiar as regiões que possuimos, para que á sombra da nossa bandeira se possam formar aggremiações estaveis de pretos.

A situação actual é nitida, as necessidades de expansão colonial das potencias europêas não diminuem; por consequencia sob pena de abdicação, importa orientar a nossa politica colonial africana, para o caminho da occupação effectiva, indo até ás regiões fronteiriças.

Ser-nos-ha isto possivel?

A sentença da tradição historica não nos é desfavoravel, pois que, como vimos, até hoje nunca nos preoccupamos com a acclimação na Africa, e nos climas por vezes bem inhospitos onde tentamos colonisar, quasi sempre a nossa colonisação teve exito.

Tudo indica que o seculo XX se notabilisará por um largo progresso na colonisação africana; nas zonas temperadas do Norte e do Sul as raças europêas avançam progressivamente. Aos espaços intertropicaes o homem branco tem apenas levado a sua actividade commercial, mas tempo virá em que o ideal de organisar sociedades negras estaveis o seduza. Nos fastos da historia o nosso pequeno povo tem sempre ligado o seu nome a grandes empresas, a grandes ideaes; a actividade colonial tem sido a causa de engrandecimento e a razão de ser de muitos estados de pequena importancia territorial. Portugal tem pois em Africa uma importante missão a realisar, que nem a tradição historica, nem a historia politica do continente negro desapprovam.

A velha raça portugueza encontrará nos nossos dominios afri-

canos mais de um ponto em que se perpetue, e em todos elles campo de sobra para a expansão da sua actividade irrequieta, do seu genio aventureiro.

A nossa politica colonial, a quem compete a direcção e organisação d'este movimento d'expansão, não deve, porém, esquecer que a conferencia de Berlim creou uma epocha nova na vida politica africana.

A Africa foi repartida por algumas nações européas e regulamentado o direito de soberania, sob pena de decadencia. Portugal necessita de tornar effectivo o seu dominio no importante quinhão, que, apesar da avareza dos coherdeiros, lhe veio a caber na partilha do continente negro.

Não é isso tarefa facil para quem possue 2.126:110 kilometros quadrados de terras avassalladas, mas, accusem embora de optimismo a conclusão d'esta conferencia, não é justo descoroçoar da energia e do esforço dos que quasi um seculo dominaram o mundo asiatico, e apesar da decadencia e dos revezes, souberam colonisar o Brazil.

Tenho dito.

Appendice 1

Mappa da divisão politica do continente africano, indicando a area e a população dos estados indigenas independentes, e das colonias e espheras de influencia européa, (elaborado segundo os trabalhos de E. G. Ravenstein, publicados por Scott Keltie).

	Area Milhas quadradas	**População** Almas	**Densidade** Almas por milha quad.
Inglaterra	2.572:000	40.433:500	16
França	3.000:630	27.099:000	9
Portugal	841:070	5.416:000	6
Allemanha	821:950	5.867:000	7
Estado livre do Congo	864:000	15.600:000	18
Italia	602:000	6.300:000	10
Turquia	836:000	7.980:000	10
Liberia	37:000	1.000:000	27
Hespanha	213:770	437:000	2
Governos indigenas independentes e terrenos desoccupados	1.486:710	23.919:500	16
Republicas boers e Swazilandia	168:120	948:000	6

Estes trabalhos são, porém, meramente evaluativos, sobretudo pelo que respeita á população. Pois com effeito, se é possivel medir as superficies sobre o mappa com uma certa approximação, é muito difficil achar uma base segura para os calculos da população.

Succede por isso que a importancia das diversas colonias varia segundo a base tomada pelos geographos para elaborarem as suas estatisticas, á qual certas preferencias e o orgulho nacional nem sempre são estranhos, como seria para desejar em trabalhos scientificos.

Assim, por exemplo, no Annuario Ricchiardi publicado em 1896-97, a superficie e a população das colonias portuguezas são computadas, a primeira em 2.126:110 kilometros quadrados, e a segunda em 21.831:857 almas, assim distribuidos:

	Area kil. quadrados	População almas
Moçambique..........	768:740	1.500:000
Guiné...............	37:000	800:000
C. Verde e S. Thomé.	4:930	131:857.
Angola..............	1.315:440	19:400:000
	2.126:110	21.831:857

Ora, se a superficie é approximadamente a indicada pelos trabalhos inglezes, visto que a milha quadrada corresponde a 2,588,681 kil. quadrados, no calculo da população a differença é enorme, e dá claramente a perceber que os calculos inglezes peccam por defeito, embora provavelmente padeçam do vicio contrario os italianos.

Em Portugal foram tambem feitos estes trabalhos de avaliação da superficie das colonias africanas pelo nosso amigo e illustre capitão-tenente da armada, o sr. Ernesto de Vasconcellos, cuja competencia profissional é notoria.

No seu livro «As colonias portuguezas» apresenta o illustre escriptor os seguintes numeros:

	Area kil. quadrados	População almas	Densidade
C. Verde..............	3:822	114:127	29
Guiné	11:384	700:000	61
S. Thomé e Principe...	937	24:662	26
Angola................	1.255:775	4:181:730	3
Moçambique...........	780:000	3.120:000	4
	2.051:918	8.140:519	3,9

Appendice II

Indicação das convenções diplomaticas regulando as questões de limites na Africa portugueza com os diversos paizes vizinhos.

Transvaal, Tratado de limites celebrado em 1869 (Livro Branco de 1870, pag. 139, e de 1873, pag. 23). *Allemanha*, Declaração de 30 de dezembro de 1886 (Livro Branco de 1887) accordo de 30 de agosto e 1 de outubro de 1890. *França*, Tratado de 12 de maio de 1886 limitando as fronteiras communs nas possessões da Africa occidental. (Livro Branco de 1887). *Inglaterra*, Modus vivendi de 14 de novembro de 1890, fixando as fronteiras communs das possessões e espheras de influencia nos dois paizes na Africa occidental e oriental. Varios tratados celebrados antes não foram ratificados: Vidè Livros Brancos de 1885, 1890 e 1891: Tratado de 11 de junho de 1891, fixando os limites das fronteiras communs dos dois paizes na Africa meridional. Accordos de 24 de setembro e 5 de outubro de 1895; 29 de fevereiro de 1898 e 21 de janeiro de 1899. *Estado livre do Congo*, Conferencia de Berlim e de Bruxellas. Dois tratados de 25 de maio de 1891, resolvendo o primeiro certas difficuldades da limitação regulamentada pelo art. 4.° da Conferencia de Berlim, de 14 de fevereiro de 1885, e occupando-se o outro da delimitação das espheras de soberania da Lunda.

Diplomas sobre as relações geraes, Conferencias de Berlim (26 de fevereiro de 1889) e Bruxellas (2 de julho de 1890). Decreto de 18 de novembro de 1890, permittindo o transito entre o porto da Beira e os territorios inglezes, estando as mercadorias sujeitas unicamente ao imposto de 3 % *ad valorem*. Decreto de 18 de novembro de 1890, declarando livre a navegação do Zambeze e do Chire no curso situado nos territorios portuguezes. Decreto de 18 de maio de 1892, approvando o regulamento para a navegação do Zambeze.

Duas palavras de conclusão

Vão passados cinco annos depois que foi elaborado este singelo estudo.

Publicamol-o agora em homenagem ao Congresso Colonial, como testemunho de que ha muito, embora em campo bem modesto, nos interessamos pelo estudo do nosso problema colonial.

Por curto que seja este espaço de tempo, muitos acontecimentos e de grande importancia se teem dado no continente negro.

A partilha da Africa continúa realisando-se com incidentes variados, mas sem que em nada esmoreça a actividade emprehendedora dos compartilhantes.

Os caminhos de ferro de penetração vão invadindo as regiões centraes de Africa; cidades florescentes surgem pouco a pouco como futuros centros commerciaes; as communicações maritimas augmentam de frequencia e a lucta commercial redobra de intensidade febril.

As nações civilisadoras buscam ainda alargar as suas zonas de influencia nas terras de Africa, e á frente d'ellas a França e a Inglaterra talham para si dois largos imperios territoriaes.

O mais doloroso e sanguinolento capitulo da moderna partilha da Africa é a actual guerra do Transwaal, cujas consequencias são ainda difficeis de prevêr, mas tem grande importancia na futura historia politica da Africa do Sul.

Quanto a nós, alguma cousa temos feito para melhorar a nossa politica colonial africana, mas muito temos deixado de fazer.

Pelo que respeita á partilha da Africa continuamos demarcando, embora com lentidão, as zonas que nos fôram reconhecidas pelos tratados; mas esse trabalho urgente e necessario é insufficiente meio de defeza, se a occupação effectiva, uma politica commercial intelligente e uma boa administração colonial lhe não servirem de esteio.

O modo porque n'este trabalho encaramos o problema africano está ainda d'accôrdo com o nosso criterio actual.

Avolumam-se, é certo, no nosso espirito as desillusões dos homens e das cousas.

Vemos com maior nitidez a necessidade da transformação educativa a operar nas nossas classes dirigentes para que a vida nacional corresponda aos destinos historicos, que ainda podemos ambicionar. O travo amargo da descrença nos processos egoistas e estreitos da nossa administração publica, frequentemente nos encheu de desanimo. Mas nem assim nos feneceu a esperança. As obras de evolução são lentas. O nosso paiz atravessa um periodo de evolução trabalhosa e difficil. Os miasmas de uma pessima educação politica envenenam as melhores forças da nossa vida nacional.

Mas apesar d'isso temos progredido, e mesmo sob o ponto de vista de colonisacão o seculo XX encontrou-nos a braços com uma obra valiosa, e até, devemos dizel-o, desproporcionada com as nossas forças actuaes.

Muito ha que fazer, muito importa trabalhar.

Sobretudo é d'urgencia refundir a educação nacional, aproveitando o que ha de bom no nosso caracter soffredor e audaz.

Sacudir a indolencia meridional, methodisar o trabalho, crear a consciencia dos direitos e dos deveres individuaes, ensinar a justiça, esclarecer o raciocinio e o julgamento, eis a tarefa patriotica, que robustecerá a nacionalidade portugueza.

Muito poderão n'este intento as iniciativas e esforços individuaes que gerem e auxiliem outras, porque é de falta de bom individualismo, que enferma o nosso paiz. A tarefa de revigorar e fortalecer a nossa raça, só póde vir a ser a obra de esforços demorados, constantes e bem orientados.

O trabalho persistente dos zoophytos eleva recifes de coral que resistem inquebrantaveis aos mais fortes embates do mar; assim tambem os esforços esclarecidos de quantos, com empenho sincero e sem temor de desillusões contribuem para melhorar a educação nacional, determinarão a evolução bemfazeja, que tornará a nossa raça mais forte, mais independente e menos egoista.

Então a obra de Portugal em Africa, attingirá a intensidade necessaria para que o juizo imparcial da historia decida, que a civilisação ganhou, quando, apesar da avidez dos mais fortes, nos coube ainda um quinhão na partilha da Africa.